

INFLUÊNCIAS TERMINOLÓGICAS DA CULTURA IORUBÁ NA LÍNGUA PORTUGUESA

José Geraldo da Rocha (Unigranrio)
rochageraldo@hotmail.com
Cleonice Puggian (Unigranrio)

O empréstimo linguístico é um fenômeno sociolinguístico normal e frequente. Resulta do contato de línguas. Durante esse contato, ocorre habitualmente uma troca bilateral entre falantes que usam línguas diferentes. Os termos originais das línguas africanas, atestados no léxico do português no Brasil, testemunham esse contato e dependem dele (BONVINI)

A sociedade brasileira é marcada pela diversidade cultural e linguística em função do seu processo de formação. A cultura europeia se sobrepôs às demais culturas disseminando uma linguagem que relegou ao segundo plano as línguas das culturas indígenas e africanas.

O presente artigo busca demonstrar que a força das culturas africanas no tocante à linguagem conseguiu influenciar a língua portuguesa no país, ao ponto de inserir para além da informalidade um enorme quantitativo de termos, que vão se expressar, sobretudo as riquezas e contribuições linguísticas africanas no modo de falar no Brasil.

A pesquisa sobre africanismos ganha um novo impulso nesse século. Por um lado aumenta o número de termos de origem africana registrados, por outro, os estudos passam a focalizar a diversidade do uso regional desses vocábulos. De pouco mais de uma centena de itens lexicais, registrado no século XIX, passa-se a mais de 300 na primeira metade do século XX, ultrapassando 2000 itens nos dicionários especializados, publicados no final do século XX. (ALKMIM & PETTER, 2009, p. 150)

Com a chegada dos negros no Brasil, durante o período colonial, deu-se início, nessas terras, uma confluência de línguas e linguagens em virtude das diferenças linguísticas existentes entre as tribos africanas, os colonizadores portugueses e as múltiplas línguas indígenas já existentes por aqui. A presença das línguas e culturas de matrizes africanas no processo de construção da sociedade brasileira, desde o período colonial, marcou de forma definitiva a língua portuguesa. Dentre os inúmeros grupos linguísticos africanos aqui chegados, os iorubás¹²² foram os que mais

¹²² Podemos ler no trabalho de Yeda Castro ao tratar das línguas africanas e suas influências na língua portuguesa: "O iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais

influenciaram do ponto de vista terminológico a língua do colonizador português. Embora, tais termos apareçam no cotidiano, nem sempre os mesmos são identificados como legado dos povos de origem africana.

A problemática da relação entre as línguas africanas e o português do Brasil, no século XX, colocou-se desde os anos 30. Desde o começo buscou-se evidenciar a participação daquelas na constituição da variante brasileira do português. Esse debate desenvolveu-se em dois planos independentes, o linguístico e o ideológico, prolongando assim as preocupações nascidas por ocasião da independência do Brasil em 1822. (BONVINNI, 2009, p. 16)

Como podemos observar, do ponto de vista linguístico e ideológico, muitos problemas ainda persistem no que diz respeito a inserção programática das contribuições das línguas africanas no português ensinado no país. Uma noção diferente, entretanto, pode ser percebida quando evocamos a cotidianidade das influências africanas na língua portuguesa no Brasil.

É muito comum, em várias regiões do país, após o almoço tirar um "cochilo". O termo vem das línguas africanas e foi apropriado pela língua portuguesa. Cochilar significa dormir um pouco. É uma pequena fração de tempo utilizada como momento de repor as energias do corpo cansado, da fadiga do trabalho. Na perspectiva da apropriação dos termos africanos na língua portuguesa, a culinária brasileira é um lugar onde uma vasta terminologia acabou se configurando prática cotidiana. A carne que era salgada e secada ao sol no período colonial a qual os negros chamavam "jabá" passou a fazer parte da culinária brasileira.

Em algumas regiões do país os termos do iorubá são mais explicitados, em função de algumas práticas socioculturais e religiosas que garantiram sua maior propagação. Na Bahia, por exemplo, em virtude das religiões de matrizes africanas utilizarem muitos desses vocábulos, tornou-se corriqueiro no dia a dia da população presenciarmos tais terminologias. Quase todas as pessoas que visitam Salvador querem conhecer e experimentar o "acarajé" do tabuleiro da baiana. O acarajé é um termo utilizado para designar uma comida tipicamente baiana. Trata-se de um alimento, uma especialidade gastronômica da culinária afro-brasileira. É preparado a partir de uma massa de feijão-fradinho cozido, misturado

concentra— dos no sudoeste da Nigéria (ijexá, oió, ifé, ondô, etc.) e no antigo Reino de Queto (Ketu), hoje, no Benim, onde é chamada de *ragô*, denominação pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil. Já *oævebn* é um conjunto de línguas (mina, ewe, gun, fon, mahi) muito parecidas e faladas em territórios de Gana, Togo e Benim. Entre elas, a língua fon, numericamente majoritária na região, é falada pelos fons ou daomeanos, concentrados geograficamente no planalto central de Abomé, capital do antigo Reino do Daomé, no Benim atual."

com cebola e temperado com sal. Esse bolo de feijão é frito em azeite-de-dendê e depois servido. No caso da Bahia, muitas vezes, o acarajé é comercializado nos tabuleiros que as baianas utilizam em vários pontos de vendas pela cidade.

No contexto da efervescência das lutas e organizações de valorização da negritude, a palavra “axé” vai ocupar um lugar de destaque na língua portuguesa, dada a sua significação. O termo extrapola seu alcance no âmbito das religiões e passa a ser compreendido e assimilado na língua portuguesa como a energia irradiante, contaminadora que nasce das ações e práticas dos negros. Na música negra, na Bahia, axé, por exemplo, vai significar um ritmo cantado e dançado pelas multidões. Seguindo o raciocínio do contágio pela energia denominada axé, é de arrepiar quando passa desfilando os Filhos de Gandy.

Uma das coisas que mais me marcaram na minha visita à Salvador foi o momento do desfile dos Filhos de Gandy. Não sei explicar, não tenho palavras para dizer o que senti, sei que era uma energia contagiante. Muito me emocionou aquele grupo, aquele toque de agogô marcado. Todos de branco e as pessoas reverenciavam quando eles passavam. Coisa muito linda. Vou guardar para sempre aqueles momentos. (Juarez, 46 anos)

Nas relações familiares três palavras que muito aparecem, demarcando a influência da cultura africana na língua portuguesa. O termo moleque é empregado para designar criança pequena. É comum também o seu uso quando algumas crianças se comportam de maneira que entendemos inadequada. Nesse caso o termo comporta uma dose de pejoratividade e pode ser inclusive ser usado para referir-se a gente grande, que se comporta como criança, sem responsabilidades ou de forma desavergonhada.

Ainda nas relações familiares, ao referir-se a alguém que está meio tristonho, fazer um “chamego, um cafuné” é uma prática social que restabelece o ser. Trata-se de um modo carinhoso de cuidar. Nas relações sociais, o chamego é empregado como terminologia que encerra galanteios e conquistas. Ficar de chamego com alguém é o mesmo que deixar aflorar um “bem querer”. [*Mariazinha de chamego com Tão, tome cuidado isso vai dar confusão*]. O verso da música demonstra um “bem querer” entre Mariazinha e Tão, que por algum motivo trata-se de um relacionamento proibido. O bem querer cultivado através do chamego vai transformar a pessoa em um verdadeiro xodó. O xodó torna-se uma preciosidade, “objeto” de zelo, de cuidado e de mimo.

As marcas da língua iorubá no Brasil vão ser explicitadas de forma mais veemente no linguajar utilizado no universo religioso dos terreiros.

Subjacente a esse processo, é notável o desempenho sociolinguístico de uma geração de lideranças afro-religiosas que sobreviveu a toda sorte de perseguições e é detentora de uma linguagem litúrgica de base africana, cujo conhecimento é veículo de integração e ascensão na hierarquia socioreligiosa do grupo, porque nela se acha guardada a noção maior de segredo dos cultos. Essa língua-de-santo é a fonte atual dos aportes lexicais africanos no português do Brasil, e a *música* popular brasileira é, hoje, o seu principal meio de divulgação, em razão de muitos dos seus compositores serem membros de comunidades afro-religiosas, como o foi Vinicius de Moraes e, atualmente, Caetano Veloso, Gilberto Gil e tantos outros de igual grandeza, entre os quais os compositores de blocos afros e afoxés da Bahia. Exemplo relevante é a palavra axé (de étimo fon/iorubá), os fundamentos sagrados de cada terreiro, sua força mágica, usada como termo votivo equivalente a “assim seja”, da liturgia cristã ou então “boa-sorte”, que terminou incorporada ao português do Brasil para denominar um estilo de música de sucesso internacional, tipo “world-music”, produzida na Bahia e conhecida por todos como “axémusic”.

(CASTRO, <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas>)

As marcas da língua iorubá no campo religioso são responsáveis diretas pela compreensão terminológica das divindades presentes nas religiões de matrizes africanas. O panteão dos Orixás atesta nossa afirmação. Os nomes das divindades permaneceram com a grafia da língua africana até os dias atuais, ainda que em determinadas situações alguns nomes foram aportuguesados. Chama-nos a atenção para o nome Oxalá. Oxalá é o nome de um orixá cultuado nos terreiros, cujo dia em que se celebra é a sexta feira, razão pela qual muito utilizam a cor branca em suas roupas nesse dia. Entretanto no cotidiano da língua portuguesa, oxalá, tornou-se uma expressão cujo significado é “queira Deus” “Permita oh Deus”

A reflexão teológica decorrente desta experiência – a Teologia Negra – num mesmo instante que já é realidade é também um desafio que a cada dia evoca uma abertura ao Espírito de Deus e às realidades da vida de fé da comunidade negra. Oxalá posamos obter a graça dessa dupla abertura. (ROCHA, 1998: p.212)

Algumas formas de falares que podemos encontrar em diversos recantos de nosso país são expressões do quanto as culturas linguísticas de matrizes africanas demarcaram a vida cotidiana do povo brasileiro.

Do ponto de vista da morfologia e da sintaxe, na língua iorubá, a composição do plural dos substantivos se dá pela flexão dos artigos que os precedem. Enquanto na língua portuguesa se constrói o plural flexionando os substantivos, na estrutura da língua iorubá, isso se faz apenas

com os artigos. Exemplificando: Na língua portuguesa, a construção do plural de: “a casa” fica “as casas”. Já na língua iorubá, tal construção, flexionando apenas o artigo fica: “as casa”.

Nas línguas iorubá e banto não se utiliza consoantes na pronúncia das palavras, quando essas estão no final da palavra. Na língua portuguesa tais consoantes fazem parte da regra gramatical. Ao afirmar essa configuração linguística, vamos encontrar na pronúncia brasileira as palavras terminando com as vogais. Ex.: *cantá*, quando deveria, segundo a língua portuguesa ser *cantar*; *comê*, ao invés de *comer*; *pulá*, em se tratando de *pular*. Essa tendência está relacionada à estrutura silábica da língua iorubá.

Outra particularidade interessante é a questão dos encontros consonantais. Esses são comuns na estrutura da língua portuguesa inexistem na língua iorubá. É comum no falar cotidiano encontrarmos as palavras com tais encontros consonantais sendo desfeitos com a inserção de uma vogal entre as consoantes. Aqui o exemplo clássico é a palavra salvar, que em função do desdobramento das consoantes L V é acrescido a vogal A, precedida de R, resultando na palavra SARAVA. Algo muito parecido acontece com a palavra flor. As letras F e L vão receber a vogal U entre si o que resulta na palavra FULÔ, sem o R final em função do que explicamos acima.

Como consideração final, queremos realçar que no modo de falar do povo brasileiro, muitos termos compreendidos como “falta de cultura” na verdade estão associados às origens africanas não assimiladas em função da dominação cultural e linguística dos colonizadores, que impuseram a língua portuguesa em todo o território nacional, tornando-a língua oficial a ser ensinada nas escolas. Com isso as referências ligadas à africanidade linguística caíram na obscuridade gramatical no processo educacional. Quiçá com a efervescência dos movimentos pelo respeito à diversidade, a valorização das identidades e particularidades dos povos, tal riqueza linguística possa ser mais explicitada nas relações com a língua portuguesa no país.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALKMIM, Tania; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e hoje. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.

BENISTES, José. *Mitos Yorubas*. O outro lado do conhecimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

BONVINNI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Influência das línguas africanas no português brasileiro. Disponível em:
www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas)

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ROCHA, José Geraldo da. *Teologia e negritude: um estudo sobre os agentes de pastoral negros*. Santa Maria: Pallotti, 1998.